

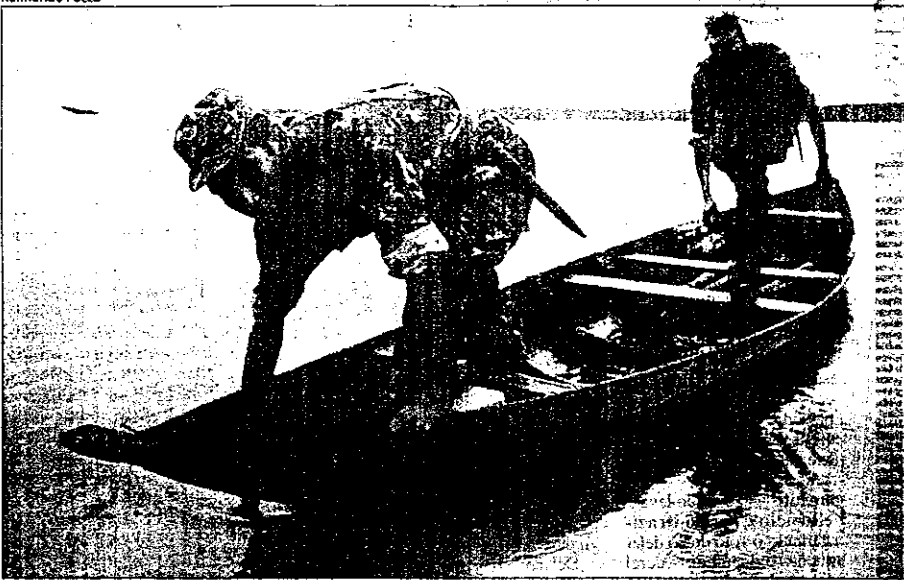
1011 7640
1101

4

DARCI

Acervo
ISA

Raimundo Pocco



Rezende e Cruz, ambos de 1,52 metro: índios das tribos amazônicas dão show nos treinamentos de guerra na selva

Exército utiliza nanicos nas missões de fronteira

Jorge Vasconcelos
Enviado Especial

São Gabriel da Cachoeira (AM) — Tamanho não é documento. Pelo menos no 5º Batalhão de Infantaria de Selva do município de São Gabriel da Cachoeira, na floresta amazônica, próximo às fronteiras do Brasil com Venezuela e Colômbia.

Lá estão localizados os soldados mais nanicos do Exército. São 500 recrutas, todos índios e caboclos da região, com estatura média de 1,5 metro — em outras regiões do país, onde a média é de 1,70 metro, eles não seriam aceitos.

A exceção aberta no 5º Batalhão tem um motivo especial: "Nos treinamentos de guerra nas florestas, eles dão um show. Nós ficamos boquiabertos, eles se sentem em casa",

diz o capitão Jacob Benaion.

"Nos treinamentos de caça, eles localizam as presas pelos ruídos na mata, o que para nós é difícil", acrescenta o oficial.

Antônio Nilson Cruz é um índio da tribo *tucano*, da região de Paricacoeira, alto do rio Tiquié. Tem 22 anos e 1,52 metro de altura.

Há três meses, alistou-se e levou 4 dias descendo o rio, de barco, para chegar ao quartel em São Gabriel.

O salário é de R\$ 70. Mas recebeu no mês passado R\$ 65. "Eu perdi o cinto da farda dentro da selva. Eles diminuíram o salário", lamenta, num português arrastado.

O recruta conta ter saído de Paricacoeira, onde morava com pai e mãe, há dois anos, para evitar a malária e a tuberculose da região.

"Foi quando minha família ficou

toda doente. Ninguém morreu, mas eu não quis ficar mais doente. Quando o Exército foi lá na cidade eu quis ir para o quartel", conta.

No entanto, Cruz não pensa em seguir carreira militar. "Quero ganhar um pouco de dinheiro e voltar para ajudar minha mãe", diz.

O recruta Reginaldo Bezerra de Menezes, um índio *baré* de 19 anos, 1,52 metro, decidiu deixar Santa Isabel, sua terra, também por problemas típicos das áreas indígenas.

Há três anos, viu passar corpos de garimpeiros mortos em confronto com a Polícia Federal numa operação contra a garimpagem na região.

"Eu vi muita violência, muita morte. Eu quero ficar no Exército porque aqui eu aprendo muitas coisas", disse, exibindo um fuzil.

Indígenas denunciam atraso na demarcação de suas reservas

José Rezende Jr.

Um grupo de parlamentares e militares fez semana passada à Amazônia buscar subsídios para tentar anular a demarcação da reserva Ianomami, de 9,6 milhões de hectares, decretada no governo Collor.

Mas dois anos depois do prazo estabelecido pela Constituição para demarcação de todas as 557 áreas indígenas, metade delas continua à espera do cumprimento da lei.

Pior: 85% de todas as terras indígenas têm algum tipo de conflito, com garimpeiros, madeireiros ou fazendeiros.

"Hoje há uns 400 garimpeiros

dentro da área ianomami", denuncia Davi Ianomami, prêmio Global 500 da Organização das Nações Unidas (ONU), o mesmo ganho por Chico Mendes.

De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 93 índios foram assassinados entre 1991 e 1993. Malária, sarampo e tuberculose mataram outros 500.

Davi também denuncia que os soldados do projeto Calha Norte, do Exército, que deveriam ajudar os índios, fazem o contrário. "Os soldados ficam mexendo com meninas ianomami", denuncia.

Pressões — Do orçamento total de R\$ 373 milhões, necessário para

o cumprimento de suas tarefas este ano, a Funai só vai receber 15,8%. Para a demarcação, apenas 8,5% do que seria preciso.

Pelo menos cinco demarcações estão paradas por pressões políticas de governadores, deputados ou prefeitos: Auá e Cricati, no Maranhão, Baú e Aptereua, no Pará, e Marãiwatsede, no Mato Grosso. Os brancos resistem à bala.

—Outra área, a Raposa-Serra do Sol, em Roraima, não sai do papel. As pressões são tantas que o Exército foi chamado a intervir. Interviu do lado errado, segundo os índios, que denunciam maus-tratos e violação do direito de ir e vir.

Tina Coêlho

Pataxós baianos sofrem pressão

Índios Pataxó Hã-Hã-Hãe do município de Pau-Brasil, sul da Bahia, voltaram a ser pressionados por fazendeiros da região para que desistam de lutar pela posse de uma área de 36 mil hectares, segundo o vice-cacique Gerson Pataxó.

Ele diz que os fazendeiros estão se aproveitando de divisões internas na tribo para jogar as autoridades e população da região contra a comunidade indígena.

Os conflitos vêm desde 1982 e já resultaram até no sequestro e no espancamento do próprio Gerson. "Não fui assassinado por ser um líder", afirma ele.

No último dia 15, depois que o índio Nailton Pataxó denunciou ao Correio Braziliense que a tribo estava em pé-de-guerra por divergir do trabalho da Funai, os fazendeiros retornaram à aldeia.

"Ao contrário das vezes anteriores, não houve ameaça física", diz Reginaldo Pataxó. "Mas ficou clara a intimidação, a pressão".

Os 1600 pataxós vivem confinados em 1070 hectares de terras.



Gerson Pataxó: "Os fazendeiros estão jogando as autoridades contra nós"